

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA TURMA DO XAXADO: AS IMAGENS DE UMA LITERATURA

MENOR

Elizia de Souza Alcântara (Pós-Crítica/UNEB)

Orientador: Prof. Roberto Henrique Seidel

Em que medida, o anteprojeto elaborado para a seleção do mestrado em Crítica Cultural pode ser considerado um “texto-imagem do mundo”? O que é um “texto rizoma” para os mestrandos? Como operar com as trilhas rizomáticas no campo crítica cultural?

Perguntar, problematizar, questionar: eis o primeiro passo para quem deseja se tornar um crítico cultural. E para isso, é importante deslocar os conceitos e valores que nos cercam, tão impregnados em nossas relações sociais, dicotômicos, pautados em representações arbitrárias e convencionais. Nesse caso, o “texto-imagem” do mundo – construção humana -, corresponde ao reflexo de uma realidade fixa e unitária, em que o signo é percebido como algo fechado, mero decalque de formas, corpos e imagens.

Segundo Bachelard, em *A noção de obstáculo epistemológico* (1996, p.18) “para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído”. Sob essa perspectiva, o ato de conhecer não pode ser concebido como um processo natural, ingênuo marcado por “verdades” indiscutíveis e destituído de poder. Cabe sim, desnaturalizar todo tipo de opinião, os binarismos, a normatividade, as ideias mais comuns. Dessa forma, o homem ressignifica a recepção do conhecimento e por sua vez, reposiciona o seu lugar no mundo a partir do momento em que engendra novas formas de viver, de reagir, de criar. É o texto rizoma que se aloja.

Nesse sentido, reavaliar a construção do anteprojeto após os estudos realizados durante o primeiro semestre nas disciplinas do nosso curso é viver um momento de total deslocamento. Tal desarticulação se deve ao fato de não termos, antes da seleção para o mestrado, um aparato teórico capaz de nos instrumentalizarmos para as análises e discussões em torno do que é operar conhecimento a partir da visão dos Estudos Culturais e mais especificamente, das linhas de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural.

Por conta disso, ao relermos o nosso anteprojeto temos a “sensação” de que ainda somos meros reprodutores de uma visão natural e tradicional dos fatos. Assim, à medida que desbravamos os novos territórios do conhecimento, chegamos a uma contundente conclusão: é necessário desmontar saberes prontos e cristalizados. Instaura-se nesse percurso, uma verdadeira revolução do pensamento.

Vejam como se processou essa revolução na minha pesquisa. Primeiramente, é importante ressaltar que a relação com o meu objeto de estudo se deu no curso de Especialização em Estudos Literários, na UNEB (1998-2000). Nesse período, a minha pesquisa intitulada “Charge e Sátira: por uma pedagogia da imagem política apresentava como corpus, os poemas satíricos de Gregório de Matos e as charges do cartunista Ziraldo.”

Inquieta para retornar ao ambiente acadêmico, com “sede” de novos conhecimentos e comprometida com os meus projetos de vida, decidi prestar a seleção para o mestrado em Crítica Cultural. Diferente de algumas pessoas, não tive dúvida quanto ao meu objeto de pesquisa. Mantive-me transitando pelo texto imagético, agora na direção das histórias em quadrinhos da Turma do Xaxado, do quadrinista baiano Antonio Cedraz.

Para a elaboração do anteprojeto de pesquisa, a minha experiência como aluna especial na disciplina Literatura, Cultura e Modos de Produção sob a orientação das professoras Jailma Pedreira e Maria Anória de Jesus foi extremamente significativa para nortear o caminho a seguir.

Quanto ao problema da minha pesquisa, ele ficou assim organizado: Até que ponto as histórias em quadrinhos podem ser consideradas uma literatura menor, instituída de voz, com um corpo de saberes e capaz de potencializar a vida?

Definido o problema, eis que surgiram uma série de dúvidas e questionamentos perceptíveis no anteprojeto, como: é viável realizar um estudo comparativo entre os “grandes clássicos da literatura, canonizados e nomeados como parâmetro de elitização do saber estético cultural e as histórias em quadrinhos, ainda considerada uma linguagem subalterna? Por que as histórias em quadrinhos não ganham visibilidade no ambiente escolar? Em que se sustenta o olhar excludente de alguns professores em utilizar as histórias em quadrinhos nas propostas pedagógicas?

Em meio a tantas perguntas, o anteprojeto foi concluído. Mas de que forma, ele foi repensado dentro da perspectiva da Crítica Cultural? Como o suporte teórico das disciplinas do primeiro semestre contribuiu para “desmontar” o que parecia estar “firme”?

O percurso de desmontagem veio como um grande desafio para os mestrandos. O contato com uma caixa de ferramenta enriquecida de operadores como: desconstruir, rizoma, inconsciente, mapa, platôs, dispositivos, máquina de guerra, estética da existência, política da amizade, despejos, ruptura, *différance*, ontológico, etc nos fez romper com noções cristalizadas ao longo da nossa vida. Com isso, o que antes era concebido como um pensamento linear, fixo, etc passou a ser visto como múltiplas entradas, operando com descentramentos sobre as relações dicotômicas e metafísicas. Trata-se de ativar o conhecimento como um mapa aberto, conectável em todas as dimensões,

desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente, segundo as posições de Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Rizoma* (1995).

É válido explicitar que a busca por um método rizomático requer de nós, mestrandos, um reposicionamento frente à produção do conhecimento. Isto implica em construir “linhas de fuga”, ou seja, romper com a essencialização das coisas, desconfiar da linearidade dos acontecimentos históricos, reverter os modelos da realidade natural e espiritual. Enfim, é identificar que nas cadeias semióticas entre o cruzamento do real e o imaginário, percebe-se uma outra conexão, um entre-lugar: o inconsciente.

Dessa forma, ao escolher o discurso das histórias em quadrinhos como o meu objeto de estudo, não pretendia em investigá-lo no âmbito das práticas escolares. O desejo era de avançar na análise sustentando a proposição de que o texto quadrinizado é um signo estético-político-cultural e traz, no jogo combinatório entre imagens e palavras, narrativas permeadas de relações de poder, conflitos sociais, mecanismos políticos de exclusão e que necessitam ser interrogadas. Seria o quadrinista Antonio Cedraz um contemporâneo? O que é ser contemporâneo? Agamben afirma:

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo (2009, p. 58).

Partindo da ideia de que ser contemporâneo é romper com a concepção de linearidade histórica, tencionando os modos de representação hegemônicos instalados nas diversas dinâmicas sociais, e percebendo que as histórias em quadrinhos dramatizam múltiplas histórias, o problema da minha pesquisa foi reposicionado da seguinte forma:

Em que medida as histórias em quadrinhos da Turma do Xaxado (des)montam os dispositivos de poder engendrados na “História Oficial”? Partindo desse pressuposto, o corpus da pesquisa também foi alterado. Para a análise documental serão definidas algumas revistas da coleção Histórias da Bahia, dentre elas “Pelourinho, patrimônio da humanidade”.

Linda Hutcheon (1991, p.173) declara que “tudo – desde os quadrinhos e os contos de fada até os almanaques e os jornais – fornece intertextos culturalmente importantes para a metaficção historiográfica”. Nesta proposta, as histórias narrativizadas pelos quadrinhos são legitimadas e reconhecidas como uma prática significativa de linguagem, capazes de inverter as repressões e silêncios sedimentados pelo conceito metafísico da história oficial.

Na contemporaneidade, a linguagem é o instrumento pelo qual questionamos a “representação” do conhecimento. Tanto as palavras quanto as imagens são locais de discurso.

Portanto, considerando a pluralidade de discursos, objetos e vozes que marcam as produções contemporâneas, nos defrontamos com a abertura de fronteiras textuais e com isso, deslocamos os territórios lingüístico-culturais mediante o desejo de “transgredir” os saberes instituídos arbitrariamente. Reinaldo Marques nos esclarece quando afirma que:

Os estudos literários, em particular os da literatura comparada, e os estudos culturais evidenciam o caráter fluido e esgarçado das fronteiras que delimitam os espaços disciplinares, que se apresentam não mais como territórios onde se fixar e enrijecer, dentro da lógica de um pensamento identitário substancialista, mas como territórios a serem atravessados, cruzados e rasurados por novos sujeitos do conhecimento (MARQUES, 1999, p. 67).

Em suma, como os mestrandos da Crítica Cultural podem se transformar em novos sujeitos do conhecimento? Gostaria de dizer que as discussões e análises realizadas no primeiro semestre do nosso curso foram verdadeiras metáforas de transformação. Instaurou-se em cada encontro, em cada disciplina, uma “revolução do pensamento”. Fomos convidados a refletir sobre o nosso papel enquanto pessoas, estudantes e pesquisadores e numa aventura um tanto quanto “perigosa”, “violenta” e “inquietante” frente às novas desconstruções, criamos a nossa própria “máquina de guerra”, aparelhada com um “devir” potencializador da vida, da arte, da cultura.

E nessa caminhada, celebraremos uma “estética da existência” em prol da cidadania, inclusão e liberdade. Nada está finalizado. Outras conexões serão produzidas. E o sistema está aberto para novas possibilidades.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinicius N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- BACHELARD, Gaston. *La formation de l'esprit scientifique*. Paris: J. Vrin, 1947. Trad. Estela dos Santos Abreu. In: *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-moderno*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- MARQUES, Reinaldo. Literatura comparada e estudos culturais: diálogos interdisciplinares. In: CARVALHAL, Tânia Franco (Org.). *Culturas, contextos e discursos: limites críticos do comparatismo*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.